



Carta de longe

Pois começava a ter um certo receio de não estarmos no bom caminho na forma de educar os nossos rapazes. Também por causa de alguns resultados negativos, que sempre aparecem em qualquer plano. O despojamento em toda a folha, deixou-me liberto e disponível para seguir de longe o rebanho jovem. E lá vai!

Barrabás não mais foi às aulas. Carlitos e José Augusto, 11 e 12 anos, fazem negócio de bolos. «Russito» procurou-me a chorar — que estava doente. «Chinês», Verdinho e Sousa desistiram da 3.ª classe. Ninguém deu por isso. Dos da 3.ª classe só um passou. Da 4.ª só dois ficaram bem.

Além do mais — o que muito me choca é a falta de tarefas por que se sintam responsáveis. Trabalho deles, feito por eles — que é a nossa forma mais querida — nunca mais.

Na ausência de tudo, com que clareza vejo agora a importância capital na educação do que, nas nossas Casas, consideramos normal e quotidiano. Como: lençóis na cama, casa limpa, luz, presença natural do pai-pai, os animais que eles tratam, as plantas de que eles cuidam, as troutinetes feitas de rolamentos a estalar os ouvidos, o mel e o queijo nos pequenos-almoços dos domingos, o leite, a fruta, o pão feito por eles e, sobretudo, as tarefas diárias de cada um.

Meu Deus! Não posso reprimir a angústia que me vai no coração. Angústia que me mostrou ao vivo a verdade e certeza pedagógica de Pai Américo.

E o carinho?

A negligência fere profundamente os direitos da criança. A ferida sangrenta pode causar a estiolação física e moral.

Padre Telmo

AQUI, LISBOA!

Entrámos na VIII Semana Nacional das Migrações. Reflectir um pouco sobre os fenómenos migratórios é obrigação de todos nós. Somos ou continuamos a ser um Povo em «diáspora». Cerca de um terço da população reside fora da terra que a viu nascer. Aprofundar as causas desta sangria e adoptar medidas eficazes para o seu estancamento é uma necessidade urgente. Palavras bonitas ouvimo-las todos os dias e o que importa são os actos ou atitudes adequadas e consequentes.

Acabamos de fazer uma viagem ao norte. No regresso, desde o Porto até esta Casa, os nossos companheiros contaram 1579 veículos ligeiros de matrículas estrangeiras, sobretudo francesas. Viemos meditando todo o caminho. O materialismo e a ânsia de possuir muito e depressa, são tónicas imperantes na conduta de muitos dos nossos irmãos que partiram em busca de melhores condições de vida. As consequências estão à vista. Para lá do desenraizamento e da falta de integração nos países de acolhimento e de origem, outras dificuldades surgem, como as que brotam da separação das famílias e dos

obstáculos de reagrupamento familiar. A educação dos filhos e a atenção pelos velhos e doentes são aspectos de todo em causa.

Tendo em conta que os que emigram são os mais válidos e continuando a safada legal ou clandestina de muitos (em 1979 foram cerca de 25 mil), fácil é concluir que caminhamos para um País de velhos e de decrepitos. Quando há regressos, não raro, trata-se de gente em declínio de forças.

Possuir uma casa e ter um carro é para muita gente o objectivo primário. Mas construir uma casa no País de origem não significa, por si só, voltar à terra natal e aí contribuir para um melhor bem-estar colectivo. Ter carro nada significa também, que até pode ser alugado ou emprestado para fazer ver ou crer possibilidades que se não têm. E acreditar nas aparências pode ser motivo para instigar outros a aventuras ou passos

menos equilibrados ou medidos.

Por cada emigrante que realmente singrou quantos não serão os fracassados? Ler a Selva, de F. de Castro, é elucidativo, na época dos Brasis, da «árvore das patacas». A mente nos vem também um exemplo elucidativo dos tempos em que comíamos numa pensão particular em Lisboa. Um dos comensais, caixeiro-viajante, pediu ao filho da dona da pensão, bafejado com a sorte grande, para lhe emprestar o seu transistor, objecto ainda pouco corrente, para levar à terra e «fazer ver» ao vizinho... De alguém sabemos que se endividavam na compra de fatos ou vestidos e de outros objectos ou adereços, para aparentarem nas terras natais níveis de vida que não possuíam. De alguns e de algumas sabemos também que, tentados pelas «amostras» vinham até Lisboa

Cont. na QUARTA pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

A Palavra de Deus que foi dada aos cristãos, para meditação no domingo passado, é um tremendo grito de alerta... «Desilusões e mais desilusões...»

O homem que passa toda a vida na ilusão da riqueza, ou na ilusão da glória, ou na ilusão do poder... e depois tem de deixar tudo para o outro, outro que por vezes lhe é estranho... — que ilusão!

E Jesus Cristo, na parábola, fala-nos do homem que sonha uma grande colheita, manda fazer novos armazéns e planeia uma velhice longa e regalada... e, nessa noite, a morte corta aquela via... — que ilusão!

Olhando nós para a vida dos homens do nosso tempo... e para a nossa sociedade portuguesa... não podemos deixar de gritar — «desilusões e mais desilusões»:

Para que lutam tanto, por or-

denados fabulosos, por vezes injustos, se sabem que há tantos salários de fome?...

Para que amontoam em lucros ou doutro modo, se sabem que há homens carenciados de tudo?...

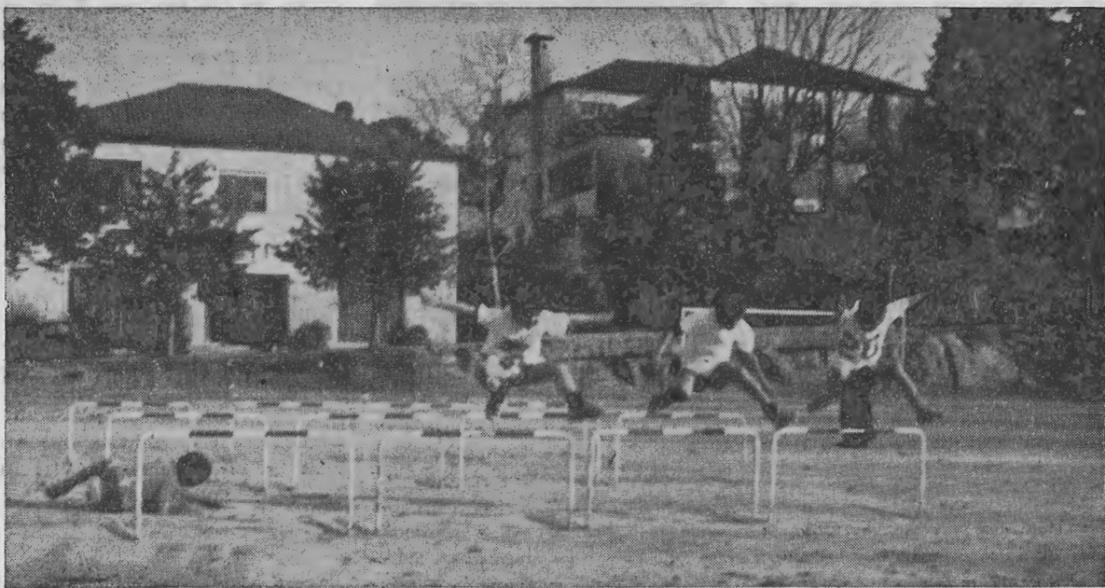
Para que lutam tanto pelo poder e não querem convencer-se e aceitar que reinar é servir... e não aceitam o outro?...

Para que procuram tanto o domínio, como se a vida estivesse só na mão de cada um... e escravizam os outros?...

Para que querem tantos os primeiros lugares — sobretudo os que agora falam muito em democracia — se dizem acreditar que todos os lugares são de serviço... mas continuam a não aceitar os outros?...

Que vale ao homem TUDO, se depois... TUDO é uma desilusão!...

Padre Horácio



O Desporto é um complemento indispensável para se «fazer de cada rapaz um homem».

PELAS CASAS DO GAIATO

A VENDA DO JORNAL NO NORTE DO PAÍS

A venda do jornal é mais ou menos boa. Muito, vão para este trabalho contentes. Mas há um ou outro que não. Porque será? Porque uns têm mais amigos do que outros? Eu acho que não.

Quando sigo para Aveiro vou contente. Sei que tenho lá muitas pessoas amigas à minha espera, que me tratam bem; e não só a mim, mas a qualquer um de nós que por lá apareça.

Festejei a data dos meus anos em Aveiro. Um senhor holandês pegou em mim e fomos os dois comer no restaurante do Hotel Imperial. Ele quase todos os meses lá está.

A venda do jornal no Porto é muito boa. É uma grande cidade e tem muito, rapazes nossos a distribuir O GAIATO.

Em Penafiel e Paredes, escapa. Mas dá para espalhar as notícias das Casas do Gaiato entre os nossos vizinhos.

Dantes, eu vendia o jornal em S. Roque da Lameira (Porto). Depois



«Ri-ri» vendedor de O GAIATO em Aveiro.

é que fui para Aveiro, onde arranjei amigos. Muito, dos meus companheiros queriam ir para lá, porque é uma grande cidade, passamos bastantes jornais e tratam-nos bem. Mas, como acontece em todo o lado, não sei porquê, aparece sempre um ou outro que diz mal da nossa obra, quando toda a gente nos estima!

Eu peço a todos que estejam sempre junto de nós. Através de O GAIATO ficam a conhecer a grande obra da Rua. Por isso, deviam ler o nosso jornal. Na cidade de Aveiro já despacho 550 jornais!

Só me resta enviar um grande

abraço aos nossos leitores, especialmente aos aveirenses.

Fernando de Matos («Ri-ri»)

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Se Zé tem noventa anos. O corpo sofre; a alma, porém, mantém uma frescura jovem!

Estar com ele é ouvir a Palavra do Senhor, servindo-Se dos mais humildes para dizer coisas grandes.

A história de Se Zé daria um livro!

Encontrámo-nos, hoje, por via da pensão de reforma da mulher, que mandou (mandámos) a papelada há cerca de um ano — e nada!

— Estamos a comer do que há... quando há. Só arrecebo da Caixa mil e oitocentos mil réis. É pouco; mas graças à Senhora dá p'ra viver, com mais aquilo que V. nos dão...

Depois, foi um abrir d'alma. Ele e a mulher são felizes ocupantes de uma moradia do Património dos Pobres, único abrigo depois de uma vida inteira dedicada à Lavoura.

— Estou à espera da chamada. São noventa anos... Mas tenho pena duma coisa: a laboira. Inda agora pego na sachola p'ra m'entreter... Tenho pena da laboira!

É um homem de palavra fluente; rude, mas dá gosto ouvido. Estar com ele é ouvir a Palavra do Senhor.

— Em toda a minha vida na laboira dei sempre a mão aos outros, às Probes. Nunca aceitei nada de ninguém. Era o carro, era os bois, era nas vindimas, era nas colheitas. — Ó Zé!, não pode ser, tenho que t'agradecer... — Já disse, tu és Probe; não é nada. Deus não m'há-de fazer passar meséria no fim da vida. E não, graças à Senhora! Quem dá a mão às Probes, tem sempre arrecompensa.

● Ela é epilética e sofre doutros males. O homem está praticamente inválido, em consequência de um acidente de viação.

O casal tem sete filhos: quatro no Ensino Primário (um dos quais «doente da cabeça»), «a moça que faz o serviço da casa», outro que «também sofre da cabeça» e ainda mais um «que ganha seis contos por mês» — única fonte de receita do lar.

— Como é que V. governa o barco?!...

— É pão e caldo, é caldo e pão... Trocadilho? Não senhor. A verdade.

E ficámo-nos a olhar, sem mais comentários.

Aqui há tempos, quando a mulher nos abordou, angustiada, mexemos logo as Caixas. Numa, requeremos abonos de família, pois desde que o homem deixou o trabalho e de fazer descontos, lá se foram eles! E vamos a caminho do Mercado Comum... E somos um País de pergaminhos cristãos... E, de cima abaixo, todo o mundo comemorou folclóricamente o Ano Internacional da Criança; direitos (palavras) que a

gente até vê inseridos em muros e paredes de certas urbes, onde crianças andrajosas se apoiam ao sol. Ainda não sabem ler... Amanhã serão autênticos vulcões — por culpa de injustiças, incoerências e contradições.

A CNP requeremos pensão para o inválido. Até agora nem recado nem resposta! Mas, daqueloutra, recambiaram as cédulas da pequenada sem mais quê...

Por intuição, os Pobres normalmente sabem que têm direitos, mas nem sempre possibilidades de agir por suas mãos. Então nos meios rurais — que sofreram longos tempos o cancro do analfabetismo — é ainda muito grande a percentagem de cidadãos nestas circunstâncias.

PARTILHA — Assinante 13305, de Gaia, um cheque. Em vale de correio a bolada mensal de Paço de Arcos. Que valente!

Santarém, 300\$00. Alto! Vem lá o assinante 9790 com Mensagem oportuna:

«Junto cheque de 500\$00 para a Conferência, agradecendo o anonimato habitual.

Ouso pedir uma oração ao Céu para que este tempo de férias possa constituir uma pausa na nossa vida agitada e servir para um Encontro mais verdadeiro com o Senhor e assim e daqui em diante nascer o homem novo que agitará a mundo no que ele tem de mais profundo e daí surgir o novo Caminho alicerçado na Rocha inabalável por onde todos sigamos sem desfalecimentos na certeza de não falhar. E assim seremos totalmente felizes.»

M. P., de Coimbra, manda 500\$00 «a fim de ajudar, embora modestamente, alguma pessoa necessitada, das muitas que deve haver por aí. Agora vamos para férias e, se Deus nos ajudar, voltaremos no regresso a escrever».

Por «alma de Maria Domingues», 100\$00 entregues no Espelho da Moda. Ainda aqui, mais 500\$00 do assinante 1048. Lisboa:

«Vai um cheque para a Conferência. Sempre achei que as Conferências Vicentinas eram (além de servirem os Pobres) sobretudo uma maravilhosa aula prática, que nos põe em contacto com problemas, misérias, dores, que nós não experimentamos pessoalmente — e que muitos ignoram.

Nós, egoístas e comodistas, precisamos que nos abram os olhos!»

Velha amiga, de S. Mamede de Infesta, esteve entre nós de visita — «que me dá sempre muito prazer» — e deixou um conto para a Conferência. Retribuímos o forte abraço.

«Para o casal mais necessitado», duas notas grandes da Rua Combatentes da Grande Guerra, em Coimbra, «por alma de meu País Helena e João».

Finalmente, um vale de correio de Montemor-o-Velho, destinado a «um dos Pobres mais necessitados». E acrescenta esta nossa Amiga: «A importância é em acção de graças

por uma graça que Jesus ontem mesmo me concedeu. Estou certa que Ele aceitará e perdoará a humildade da oferta, pois sabe que não sou rica».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Azurara

2.º TURNO — Neste momento impõe-se um balanço do que foram quase três semanas de praia: libertar a mente dos problemas diários e repousar o corpo das cansaças de um ano de trabalho, deve ser o ponto de partida de quem vai para férias, quer seja na praia ou no campo.

Este turno foi, na maior parte, constituído por miúdos que não sabem o verdadeiro significado da sua permanência em nossa Casa de Azurara.

Tomar um banho no mar, secar-se na areia e brincadeiras que por vezes pareciam absurdas, eram o seu dia-a-dia, para além dos seus afazeres caseiros.

(Nisso, sentimo-nos culpados, nós, os mais velhos, pois pouco ou nada contribuímos para que se procurasse encontrar um estímulo para que eles gozassem doutra forma (sem prescindir destas) as suas férias — as férias a que têm direito, independentemente do seu insucesso escolar.

Um turno de praia tem de, à partida, estar mentalizado para poder contar com todos os precalços; e nisso, este turno pode-se alegrar de ter tido uma boa orientação, livre de desavenças entre uns e outros, contribuindo, nós, os maiores, com a nossa parte, apoiando as decisões quando deveríamos apoiar e discordando quando fosse necessário.

Ào fim e ao cabo, nenhum de nós se pode sentir aborrecido. Gozamos as férias à nossa maneira. Fugimos ao rama-rama de todos os anos. Poderíamos não o ter feito, só que sairíamos daquilo a que nos propusemos fazer: descansar o corpo, aliviar a mente.

Morgado

MURAMBA DO CORVO

AMBIENTE — O ambiente que há em Casa é silencioso, modesto e um pouco triste; mas isso nas horas de trabalho e de recreio. Não há bola que nos anime; mas, também não há rapazes que a utilizem, visto que estão metidos em férias.

Quando é a hora de poder mergulhar na água da nossa piscina, é a hora da malta libertar-se no anseio de se refrescar. O barulho desenrola-se na fresca água da nossa mina. Mas não é só no banho que se desenrola o barulho, é também ao fim do jantar; parecem «os búfalos no oeste, espantados». Correm até chegar à televisão, gritando: — «Vamos ver a «Sinhazinha Flô...» Olhos regados, todos nos seus lugares murmurando a telenovela. Chega a hora. Há silêncio

e sorrisos e começa a desenrolar a fita; parece uma sala de cinema. Nos tempos dos Jogos Olímpicos a telenovela dava sempre mais tarde, e coitados dos pequenos, aqueles que inda não tinham feito a 4.ª classe, tinham de ir para a cama.

GADO — Vacas, bois, porcos, galinhas e pintos são o nosso gado, onde o «Carrico», rapaz simpático, trabalhador, substitui o Rocha que foi passar umas férias à beira-mar.

No dia em que ele começou a tratar o gado, salientou com um sorriso: — «Lá venho eu trabalhar; agora é tratar o gado; não gosto muito, mas deixá-lo, é trabalho; nós temos que nos sujeitar, é sacrifício...»

José João, das Carvalhosas, perto de Coimbra, 15 anos, mostra-nos sempre a sua identidade de trabalhador. Um dia veio ter comigo, pedir farinha para que pudesse realizar o trabalho, mas quando o sr. Padre Horácio veio da praia, foi ter com ele. Mas disse ainda para mim: — Eh pá, eu nem posso trabalhar descansado; quero tratar o gado e não tenho que lhe dar.

Que seja sempre um bom rapaz e trabalhador pela vida em diante.

ENTREVISTA — Destoqueei-me com algumas perguntas ao nosso chefe maior, «Tonito».

— Como te chamas?
— António Manuel da Silva.

— Gostas de estar na Casa do Gaiato? Porquê?
— Gosto. Gosto de cá estar porque foi onde me criaram desde pequeno. E, claro, aqui é a minha Casa.

— O que fazes cá em Casa?
— Sou carpinteiro, pedreiro e o responsável pelos rapazes. O chefe maior.

— O que é para ti ser responsável pelos rapazes?

— Para mim ser responsável pelos rapazes é aquele que está sempre ao lado deles, pronto a ajudar no que eles necessitam.

— Achas que os rapazes são felizes, cá em Casa, para depois assumirem um futuro diferente?

— Eu acho que sim, mas nem todos.

— Porquê?

— Porque há aqueles que vêm para cá de pequeninos, sem pais, e habitam-se a este ambiente de família; têm aquele carinho, amor, que poderiam ter dos seus pais. E há outros que não, porque vêm já com uma certa idade e não tiveram o carinho que poderiam ter dos seus pais, e que não conseguem; ou porque não querem ter esse carinho. Querem continuar a vida que tinham.

Guido

Venda de O GAIATO no Centro do País

Mais uma vez resolvemos dar notícias da venda de O GAIATO na zona Centro do País.



Como é sabido pela maior parte dos caros leitores, o nosso jornal não é mais do que uma mensagem que procura inquietar as pessoas, ahamando a atenção para os problemas sociais, predominantes na nossa sociedade actual.

Em todos os pontos onde este jornal é divulgado, vós, caros leitores, sempre mostrais e continuais a ter um grande interesse pela doutrina de O GAIATO, o que justifica o brusco aumento da tiragem do jornal.

Também a boa disposição que os nossos vendedores mostram ao regressar a Casa é prova de muito carinho recebido e proveniente de vós, nas respectivas localidades onde exercem a sua função.

Esta ideia de darmos notícias da venda do jornal na nossa zona, deve-se ao facto de, na segunda quinzena de Julho, haveremos batido o record de todos os tempos, na venda do jornal.

Chegada a altura de O GAIATO sair para a rua, vimo-nos impossibilitados de o fazer, devido à greve surgida na CP. Em consequência, ficaram os nossos jornais paralisados, sem haver maneira de chegarem até nós.

Infelizmente o nosso País afundou-se num clima de greves e insegurança social. Assim, aqueles que ainda querem fazer alguma coisa, vêm-se impedidos por aqueles que, às vezes, querem trabalhar menos e ganhar mais, fazendo por isto greves. Mas, apesar de todos os contratempos, os nossos 7.200 jornais, chegaram.

Transportados imediatamente para a Praia de Mira, foram ali dobrados. Partindo dali, a nossa carrinha fez a distribuição dos vendedores nas respectivas terras onde, no mesmo dia, ficou parte da venda feita. Em toda a zona centro, incluindo praias e termas, venderam-se 7.200 jornais chegando a apurar-se um total de cerca de 60 contos.

Cá em Casa os vendedores rejubilaram, visto que apesar dos jornais terem chegado com grande atraso foram ainda vendidos, havendo consequentemente grande esforço da parte de todos nós.

E acabámos assim, apelando aos caros leitores para que recebam dentro de si e abertamente a mensagem do nosso jornal e se inquietem com ela e para que na vida se abram aos Outros, lembrando-se de que todos somos irmãos e que precisamos uns dos outros para sermos felizes.

Carlitos e Joãozinho

Paço de Sousa

BATATA — Em nossa Casa já foi colhida a batata em alguns campos. Outros ainda estão por colher. Nos campos já colhidos a batata deu bom rendimento. São bastante pesadas.

Alguns dos nossos rapazes estão encarregados, no celeiro, de separar os tubérculos bons e deficientes, cada qual para o seu lugar; e, assim, vamos consumindo a batata cortada.

Já podemos saborear as batatas novas. São muito boas!

MILHO — O nosso milho está muito crescido e bonito, em relação ao do ano anterior. Foram semeados mais campos para assim termos uma produção mais elevada e que satisfaça as necessidades da Casa.

FRUTA — Não podemos dizer que a fruta não chega às nossas me-

nas. As árvores estão carregadas de fruta. Já comemos maçãs assadas e confeccionadas em doce. Também do Mercado Abastecedor do Porto, alguns amigos da nossa Obra oferecem todas as semanas bastante fruta, que a nossa carrinha traz aos sábados e a gente saboreia em nossas refeições.

CONJUNTO MUSICAL — O nosso Conjunto musical tem sido convidado a participar em alguns festejos, no concelho. Formado por quatro rapazes, tem obtido êxito pelo concelho de Penafiel e não só. A todo o momento aparecem convites, pois gostam de ouvir os nossos rapazes.

Ainda aparecem donativos para aquisição de instrumentos, cordas, tudo o que for preciso.

Em nome dos rapazes do Conjunto, muito obrigado.

«Salsichas»

Tojal

CASAMENTO — Alegria e boa disposição foi o que aconteceu no dia 22 de Junho, um domingo, em que o Joaquim Manuel mais a sua Celeste se uniram pelos laços do Matrimónio, vindo assim a constituir uma nova família.

O dia estava agradável, embora por vezes as névens quisessem impedir o sol de raiar.

O Joaquim Manuel é natural do Porto, e no seu há 14 anos; deu entrada nesta Casa com a idade de 12 anos. Seguindo uma vida interna comum a todos os gaiatos, veio a ingressar na tipografia, exercendo o ofício até à sua ida para a tropa. Depois do serviço militar cumprido, empregou-se cá no Tojal, numa fábrica de transformação de papel. Entretanto aprofundou as relações com a Celeste que já havia conhecido.

Ela é natural do Tojal, onde reside.

Vencendo cada um as contrariedades impostas pela vida e mantendo-se no firme propósito de formarem um lar, vieram agora perante o Altar firmar o sim irrevogável aos olhos do Senhor.

Padre Luiz, como Ministro da Igreja, confirmou o Matrimónio. Na homilia chamou à atenção para o sentido da responsabilidade e coesão que devem revestir estes dois seres, pois a vida é feita de bons e maus momentos, sendo nestes últimos quando o sentido da responsabilidade é posto à prova.



Primeira Comunhão de seis gaiatos do Tojal. «A vida religiosa nas nossas comunidades seja o Centro. As grandes aflições dos Padres da Rua tenham aqui a sua origem; vale mais a alma do que o corpo.»

Do que nós necessitamos

De Oledo, duma professora aposentada, 7.000\$. 5.000\$ de Lisboa. A mesma quantia dos irmãos de Maria do Carmo. 100\$ do ass. 29329. Pelas mãos do Pároco de Alfena, 500\$. Do Porto, 5.000\$ sufragando a alma de José Coimbra Sampaio. Do 1.º Ciclo do Colégio de Gaia, 1.600\$. Excursão de Água Longa, 6.000\$. Duma outra, 864\$50. Por alma de Eduardo Fonseca, 1.200\$. Muita simpatia, muito carinho e muita alegria nos trouxeram os alunos do Colégio Nossa Senhora do Rosário, do Porto, além de muitas caixas com doces e de migalhinhas que somaram 12.915\$. Um beijo agradecido para todos vós, de todos nós.

Duma médica amiga, do Hospital de S. João, 2.000\$ entregues em mãos, pela esposa dum dos nossos. 100\$ de

No final da Missa, os noivos e os padrinhos assinaram todos os documentos inerentes ao acto que haviam acabado de celebrar; enquanto isto vários circunstantes manifestaram os seus votos de muitas felicidades.

Depois foi o que é hábito nestas ocasiões. Alguns «fotógrafos» esforçaram-se para que dentro dos segredos da sua arte pudessem reproduzir os bons momentos que se viviam, e para que este grande dia na vida dos recém-casados fosse eternizada.

Finalmente, dirigimo-nos para o refeitório onde nos aguardava um farto almoço, muito bem confeccionado. O banquete decorreu com alegria. Tivemos a participação do Zé Telles, antigo pupilo da Obra em Coimbra, radicado no Brasil, que cantou alguns fados de Coimbra, de que é especialista.

A festa decorreu até ao cair da tarde. No dia seguinte os noivos partiram para a sua «lua de mel», a qual desejamos que seja eterna.

E assim se viu partir mais um dos nossos rapazes que constituiu o seu lar e começou a pertencer ao número dos casados.

A ambos desejamos as maiores felicidades.

António José

Mafra. 900\$ de donativos recebidos pela D. Maria Angélica. 150\$ de Madalena. E 50\$ de Avintes. «A promessa que a minha gratidão não esquece», com 150\$. De Helena, 50\$. Excursão de Vila Praia de Ancora com 575\$. Do Fundão, os 300\$ habituais. 100\$ de alguém da Secretaria de Estado da Aeronáutica. E 500\$ de Santo Tirso, duma empregada doméstica. Mais 150\$ em selos de correio, da Amadora. E 3.200\$ de visitantes de Aveiro.

De Leiria, os mensais 1500\$. Da Calçada da Estrela, 200\$. «Velha assinante» do Monte Estoril, 100\$. De um grupo de Amigos, da Trofa, 250\$. Vale postal de 796\$50, dos Funcionários da Direcção-Geral da Marinha do Comércio. Assinante de Lisboa, de visita por estes lados, 2.000\$. Da R. António Cardoso, cheque de 4.000\$. Lucinda com 2.000\$, a reparar pelo Calvário. 600\$ de Anónima. 250\$ da Figueira da Foz. 1.500\$ de Fiães. Ass. 16264, de Braga, com os 600\$ mensais. Cheque de 150\$, de Louzada, por alma de José Neto Magalhães. 1.000\$ da Electro-Mecânica Laser, L.da. De visitantes, entregue pelo Carlitos, 102\$50. E duma excursão do Centro Desportivo e Cultural do Pessoal da Companhia de Linhas Coats & Clark, composta por filhos dos seus associados, muita simpatia e muitas linhas e roupas.

«Uma pequena oferta tirada do meu subsídio de férias e dada com muito amor.» Foram 500\$ que nos chegaram de S. João da Madeira. Promessa de 200\$, de Rio Tinto. Cheque de 3.500\$, de Calvão. 650\$ de Lisboa. Calçado de Espinho. A presença habitual de Ermesinde. 1.000\$ de «Duas irmãs cinfamenses». Os 70\$ mensais da R. Saraiva de Carvalho. M. P., de Coimbra, com 500\$ para o nosso Conjunto Musical. 100\$ duma «avó agradecida». Maria, de Braga, com 40\$. Figueira da Foz com 250\$ todos os meses. Pelas mãos do Pároco de Rebordosa, 2.000\$ duma sua paroquiana. Mais 3.000\$ de Paços de Ferreira. E 5.000\$ duma promessa, de Caldas da Saúde. Calções de banho, de Avanca. A presença sempre amiga da Av. João XXI com 2.000\$.

De Gaia, Senhora das rosas, 7.000\$. Em cumprimento duma promessa, 5.000\$ do Porto. Cheque de 1.500\$ de Setúbal. 1.000\$ de Avintes. Os 200\$

silenciosos da Calçada da Estrela. 500\$ da ass. 28083. Luisa com 800\$, dum aumento de vencimento. Por intenção de Ana Rosa Campos, falecida, 5.000\$. De Leiria, a contribuição de Julho foi de 3.000\$. Por uma graça recebida, 500\$. Da Catequese de Tarouca, 3.030\$ entregues na visita que nos fizemos. 2.000\$ dos 5 Crespinhos. Mais um vale de 718\$50, dos Funcionários da Direcção-Geral da Marinha do Comércio. Visitantes, de Serzedo, com 1.240\$. Por intenção particular, 10.500\$ de Cete. Cheque de 30 contos, de quem aparece anualmente. Visita do Externato Camões de Rio Tinto e 620\$. Dum casal de emigrantes, 1.000\$. Cheque de 2.500\$ de anónimo de Aveiro. 5.000\$ em memória de José Maria. Gente humilde do Bonfim, com 500\$ pelas mãos da D. Ernestina. Do Grupo de Escutas da Póvoa de Varzim que assistiu e cantou na nossa Missa, 2.708\$. E 7.000\$ de Cascais. «Portuense qualquer», lembrando o 16 de Julho, 1.500\$. Vale de 730\$, de Espinho, «comemorando o aniversário da minha mãe». Feliz aniversário. Mais 500\$ de uns noivos de há 25 anos! Oxalá o sejam sempre. Cheque de 1.500\$, de Santarém, e estas linhas:

«Não estaria certo que mais uma vez eu comece as minhas férias anuais sem repartir convosco um pouco do meu subsídio deste ano.

Junto um cheque para o efeito mas tenho dúvidas que chegue para pagar tudo quanto devo; mas como já sei que na vossa contabilidade o que conta não é a quantidade mas a intenção, fico de consciência tranquila.»

Obrigado e bom repouso. Vem já sendo costume, todos os anos, e por esta altura, a visita que nos fazem muitos dos nossos compatriotas e amigos que labutam no estrangeiro. Alguns há que, por hábito ou promessa, o fazem mais que uma vez. Desta feita, foram dois casais e seus filhos, vivendo na Alemanha. Com entusiasmo e muito interesse, quiseram ver e saber tudo de tudo. Deixaram-nos 4.000\$ e duas malas cheias de boa roupa e despediram-se com um abraço e «até ao ano se Deus quiser». Oxalá que sim, com muita saúde e bem estar para todos.

E, por hoje, ponto final.

Manuel Pinto

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Ao longo da sua história a expansão de O GAIATO, em grande parte, vem sendo fomentada pela dedicação de gerações de leitores — quantos deles tão discretos, anónimos! — que passam palavra, que operam maravilhas por graça divina. Em casa, no trabalho, no café, no cinema, nos meios de transporte, na comunidade paroquial, nas agremiações — em todo o mundo. Não é trabalho fácil! Pois não; mas a alma cheia transvasa. Como diria Pai Américo, gera explosões de Sobrenatural.

O correio de, e por causa de novos assinantes é fogo que crepita; e bem! Documentos que temos pena não poder transcrevê-los todos, todos. E já não falamos nos silenciosos, que a sua marca é o silêncio divino. Não dizem nada, sim, mas afirmam-se em toda a grandeza por quantos motivaram: «Um Amigo falou-me de O GAIATO. Quero que me inscrevam como assinante do jornal». Preparou, adubou, semeou o terreno. A colheita

não é com ele. Daí, «foi um Amigo». Qual? Quem? Onde? Não importa — «foi um Amigo».

Outros — e são muitos — que não topam os nossos rapazes na venda de O GAIATO, pois as grandes urbes são cada vez maiores..., desenrascam-se por eles próprios. Aqui está:

«Costumava comprar O GAIATO no meu ambiente de trabalho. Há meses que não compareço ao serviço e não tenho forma de o adquirir. É sempre uma leitura que me fala ao coração. Por isso, agradeço que me considerem assinante e me enviem o jornal para a minha residência.»

Que dizer de leitores e leitoras, nos meios onde O GAIATO é menos conhecido, e, por isso, há maior interesse na sua divulgação?! Monte Gordo (Algarve):

«Sou uma assinante de O GAIATO que, por razões profissionais, me encontro já

há algum tempo no Algarve.

Tenho observado que, por estas bandas, a Obra do Padre Américo e O GAIATO são quase, ou na totalidade, desconhecidos. É uma pena ignorar-se tudo o que é bom e se dê tanto realce a coisas negativas.

Pois tem sido minha intenção divulgar, na medida do possível, o vosso jornal; e sempre que consigo pessoas que se mostram interessadas fico muito satisfeita. Assim, vou enviar mais dois assinantes e que estão cheios de boa vontade.»

Outra imagem: o estado d'alma daqueles ou daquelas que angariam um novo assinante pela primeira vez. Oeiras:

«Com os cumprimentos de muita amizade, venho pedir o favor de mandarem o nosso grande jornal O GAIATO para o seguinte nome e morada, pois consegui mais uma assinatura de pessoa amiga que gosta de o receber com regularidade, visto que raras vezes o consegue comprar.

Vamos ver se, em breve, conseguirei mais alguma assinatura. Já sou assinante há vários anos e é a primeira que consigo e sinto-me, por isso, contente.»

Finalmente, uma sucinta nota das presenças recebidas: Porto e Lisboa um mundo de assinantes! Mais de Duas Igrejas (Paredes), Avintes (Gaia), Fundão, Paços de Ferreira, Vi-

la Nova de Gaia, Trofa, Palmela, Cascais, Setúbal, Aveiro, Anadia, Buarcos, Figueira da Foz, Linda-a-Velha, Beja, Santo António dos Cavaleiros, Odivelas, Lemenhe, Mougueira (Sertã), Senhora da Hora, Matosinhos, Guimarães, Campo (Valongo), Faro, Alvito, Casabres (Alcácer do Sal), Vale de Figueira (Santarém), Águas Santas (Maia), Santa Comba de Rossas, Amora, Parede, Bragança, V. N. Famalicão, Mem Martins, S. Mamede de Infesta, Matosinhos, Francelos (Gaia), Valbom (Gondomar), S. João da Caparica, S. Pedro da Cova (Gondomar), Parede, Póvoa de S. Salvador (Viseu), Carregado, Várzea da Serra (Tarouca), Monte Caparica, Santo Tirso, S. Miguel do Couto, Foz do Sousa, Gens, Jovim, S. Cosme de Gondomar, Alvito, Faro, Osnabruck e Alferzhagen (Alemanha Federal).

Júlio Mendes

Aqui, Lisboa!

RETALHOS de VIDA

O «Lourinho»



Nasci em Amarante no dia 28 de Maio de 1967. Tenho 13 anos.

Nós somos oito irmãos: quatro raparigas e quatro rapazes. Duas delas já estão casadas.

Não sabemos quem é o nosso pai. A minha mãe era doente da cabeça e morreu com um cancro.

Para a Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, veio primeiro o meu irmão José Luís, que foi para África. Depois, o José Albano, que lhe deram o nome de «Gordo» e trabalha na carpintaria. A seguir, o José Carlos que fugiu e ninguém sabe dele. Por fim, vim eu, o mais novo.

Sou o José Alberto Pinheiro. Meteram-me o nome de «Lourinho». Assim me conhecem, cá em Casa; e lá fora, os meus amigos, na venda do jornal. Distribuo O GAIATO às sextas-feiras nos Bancos e aos sábados e domingos na zona de Cedofeita — Porto.

Quando estávamos em Amarante passávamos, algumas vezes, fome. A gente ia pedir lá para cima, nas aldeias. E a senhora Miquinhas, que tem uma barraca na feira, levava comida a nossa casa. Ela morava perto de nós. Não me lembro de mais ninguém que nos ajudasse.

Agora estou na quarta classe da Escola Primária. E faço, ainda, limpeza na casa dois da nossa Aldeia.

Estou muito contente na Casa do Gaiato.

José Alberto Pinheiro («Lourinho»)

Cont. da 1.ª pág.

para, tantas vezes, trocaram o certo pelo incerto e encontraram profundas desilusões.

Criar condições de vida no País, é uma necessidade inadiável. Há muitos que vão para longe fazer aquilo que cá teriam vergonha de realizar e trabalhar, em autêntico regime escravagista, a ponto de se esgotarem precocemente ou sucumbirem mesmo. Assistir os que partem, compreendê-los e integrá-los, chamando-os a compreender que o dinheiro não é tudo, nem tão pouco o mais importante, é uma necessidade imperiosa. Quando o homem põe no dinheiro e no possuir todo o acento da sua vida, bestializa-se e deixa de ser homem. Criar condições de dignidade e de sobrevivência é, por outro lado, uma obrigação dos que governam, de modo a permitir aos seus concidadãos uma vida capaz e humana, onde os valores do espírito e as normas morais se possam afirmar e criar os seus frutos.

Um dia destes fomos à capital tratar dos assuntos da Casa. Como sempre, mesmo que cansados, procuramos ir de olhos bem abertos. No Rossio, do lado sul, uma pequena de 10 a 12 anos, sen-

tada no chão e encostada à parede, expunha as suas pernas e os seus braços queimados, com uma caixa à frente. Nas proximidades dos Restauradores, um garoto, aí de 8 a 10 anos, fazendo que dormia, ostentava um cartão com os seguintes dizeres: «Somos 4 irmãos. Meu pai é pobre e minha mãe está no hospital». À frente, um cego, com deficiências nas pernas, estendia um recipiente, ao mesmo tempo que exclamava: «Preciso dum tostão».

Três casos, que outros há sempre dispersos pela Baixa Pombalina. Continuamos a aguardar que as anunciadas «brigadas» apareçam a tomar conta dos expostos e a providenciarem em conformidade. Já é tempo de aparecerem.

● É o fim da tarde. Aparecem-nos duas senhoras, uma já encanecida mas ainda direita e vigorosa; outra de

meia idade. Querem falar conosco em particular. Ouvimos: «Como funciona uma Casa do Gaiato e o que é preciso para a fundar?» Abrimos os olhos e respondemos, sorrindo, de imediato, à segunda questão: «É preciso que haja gente disposta a perder a vida para a ganhar, vivendo em pleno o seu dia-a-dia, em entrega total». E acrescentando: «Sim, porque não são as quintas ou as propriedades, nem o dinheiro, que condicionam a existência numa Casa do Gaiato. Havendo pessoas tudo aparecerá, ao fim e ao cabo».

Não sabemos nem os propósitos das visitantes, nem as suas reacções ante o que lhes dissemos. Apenas queremos confirmar que, na vida, mais do que os bens materiais e as coisas, são as pessoas que condicionam o caminhar.

Padre Luiz



Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 42.900 exemplares